



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 09/02/2018

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Alza en las cotizaciones del ganado gordo .....	2
Exportaciones de enero de carne vacuna de Brasil aumentaron 14% .....	2
Rabobank: Brasil principal proveedor de carnes bovinos en diez años.....	2
Avanzan negociaciones con COREA DEL SUR .....	2
UE ante una creciente dependencia del Mercosur .....	3
Exportaciones de vacunos vivos: 24 mil cabezas en Enero 2018 .....	3
Exportaciones de hacienda en pie reaviva polémica .....	3
Existen 100 mil cabezas en cuarentena para exportar.....	3
Justicia liberó la exportación de animales vivos anulando una medida cautelar .....	4
Preocupación sectorial ante un embate judicial.....	6
Normas regulatorias serán actualizadas.....	6
Carne Fraca: nuevo acuerdo de delación premiada .....	7
<b>URUGUAY</b> .....	<b>7</b>
Novillos llegan a los US\$ 3,20 en negocios puntuales.....	7
ProdExpo Moscú reconoció aporte del INAC .....	8
Escenario "muy competitivo" para la carne uruguaya en Rusia.....	9
Precio de exportación de carne vacuna sigue firme, con buena demanda de Israel, EEUU y Canadá .....	9
Colita de cuadril de Uruguay o de Paraguay, ¿cuál prefiere?.....	10
El campo decidió dialogar y posponer nuevas medidas .....	10
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>11</b>
La mejor carne paraguaya se expone en Rusia.....	11
Directora de la OIE visitará Paraguay .....	12
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>12</b>
Brexit: Comisión Europea dio a conocer el borrador de los acuerdos de transición.....	12
REINO UNIDO: progresan las negociaciones para abrir CHINA .....	12
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>13</b>
Exportaciones de carnes bovinas con nuevo récord en facturación en 2017 .....	13
JAPÓN lidera el crecimiento verificado .....	13
Otros destinos que aumentaron: COREA DEL SUR, TAIWÁN, HONG KONG .....	13
Embarques del mes de diciembre superaron lo previsto.....	14
CattleFax proyectó mayor producción y demanda de carnes bovinas en 2018 .....	14
Existencias de ganado bovino en su punto más alto desde 2009 .....	15
Rentabilidad de la industria frigorífica afectada por mayor costo de adquisición de hacienda.....	16
<b>VARIOS</b> .....	<b>16</b>
AUSTRALIA: prevé escaso impacto ante un posible acuerdo comercial entre UE y Mercosur .....	16
JAPÓN Importaciones de carne vacuna de en su máximo en 17 años.....	17
INDIA Gobierno defendió ante la Corte Suprema la medida de prohibir la faena de vacas.....	17
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>18</b>
JBS aumenta un 50% la capacidad de faena de un establecimiento en Mato Grosso .....	18
Marfrig invierte en productos procesados .....	18
Bancos podrían renegociar la deuda de JBS por tres años.....	18



## **BRASIL**

### **Alza en las cotizaciones del ganado gordo**

Sexta-feira, 9 de fevereiro de 2018 - Melhorou o escoamento da carne bovina. E, como na semana que vem haverá menos dias para a concretização de negócios, os frigoríficos com escalas apertadas lançam ofertas de compra acima dos valores de referência.

Em São Paulo, por exemplo, a cotação da arroba do boi gordo subiu na última quinta-feira (8/2) e ficou cotada em R\$146,00 à vista, livre de Funrural. Aumento de 0,7% em relação ao fechamento anterior.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, após um mês sem valorizações nos preços, a cotação do boi casado de animais castrados está em R\$9,79/kg. Aumento de 9,3% frente ao último levantamento. Essa mudança melhorou a margem de comercialização das indústrias que não desossam. A margem está em 16,3%. Aumento de 7,3 pontos percentuais na comparação com o fechamento de ontem.

### **Exportaciones de enero de carne vacuna de Brasil aumentaron 14%**

08/02/2018 - Cambia de criterio para favorecer la exportación de carne.

Las exportaciones de carne vacuna fresca brasileña subieron 14% el mes pasado, comparándolas con igual período de 2017 y llegaron a 99.544 toneladas peso embarque, según publicó Faxcarne en base a datos de la Secretaría de Comercio Exterior (Secex de Brasil).

Según la fuente, de todas formas, los embarques disminuyeron 8% respecto a los de diciembre de 2016 y cayeron por debajo de las 100 mil toneladas por primera vez desde mayo de 2017.

El valor promedio de exportación fue de US\$ 4.278 por tonelada, manteniéndose dentro de una estrecha banda de valores entre US\$ 4.200-US\$4.300 por tonelada, por noveno mes consecutivo.

Las exportaciones de carne porcina, donde Brasil es el principal exportador mundial, cayeron 17% en la comparación anual —seguramente como consecuencia del cierre del mercado de Rusia, el principal cliente— y las de carne de pollo bajaron 6% anual, según Faxcarne

### **Rabobank: Brasil principal proveedor de carnes bovinas en diez años**

07/02/18 - por Equipe BeefPoint Adolfo Fontes, analista do Rabobank disse que o ano de 2018 tende a ser mais positivo para o mercado de boi no Brasil.

Em janeiro deste ano, as exportações tiveram um salto de 15% em relação ao mesmo período de 2017, fruto de uma necessidade de aquisição dos compradores internacionais, sobretudo a China, Hong Kong e o Egito, este último que teve uma recuperação no segundo semestre e dobrou as compras.

A Rússia, contudo, ainda é um problema relevante para o mercado de proteína animal do país como um todo. Segundo Fontes, por este fator se tratar de uma questão geopolítica, é difícil traçar com certeza o momento no qual este ponto sofrerá uma alteração, mas o Brasil deve receber uma Comissão Sanitária do país para buscar uma resolução para o caso.

Tudo indica que o crescimento das exportações pode ser de mais de 10% no ano. Juntamente com o crescimento da produção mais lento, a representatividade brasileira no mercado exportador também pode ser ampliada. Ainda há negócios pendentes a serem firmados com os Estados Unidos, bem como o acordo entre o Mercosul e a União Europeia.

No mercado interno, a inversão do ciclo pecuário fará com que a oferta continue a crescer ao mesmo tempo em que a demanda por carnes também aumenta, refletindo a recuperação econômica presente no país. Nos últimos anos, o consumo per capita teve uma queda de 3kg, resultando em 36kg per capita. 2018, juntamente com 2019, deve ser fundamental para fazer com que os patamares voltem a estar próximos de 39kg per capita.

Os frigoríficos reabrem plantas e aumentam a sua capacidade de abate porque a oferta não é só uma previsão: ela ocorre no mercado de fato. Do lado dos produtores, por mais que os preços da arroba se mostrem mais baixos do que foram vistos anteriormente, o poder de compra é maior.

### **Avanzan negociaciones con COREA DEL SUR**

08/02/18 - por Equipe BeefPoint A comitiva brasileira que está em missão na Ásia, chefiada pelo secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Eumar Novacki, reuniu-se nesta quarta-feira (7) com representantes do governo da República da Coreia para acelerar tratativas para exportação de carne suína para o país asiático.

O primeiro encontro do dia foi com representantes do Ministério de Segurança Alimentar e Medicamentos da Coreia. Também hoje, a delegação brasileira esteve reunida com membros do Ministério da Agricultura e Assuntos Rurais do país. Na pauta brasileira constou pedido de celeridade nas tratativas finais com os asiáticos para a exportação de carne suína e evolução nas tratativas para a exportação da carne bovina brasileira.



Segundo autoridades coreanas, a carne suína está na fase final da liberação e o país também avalia a possibilidade de importar carne bovina do Brasil. Como contrapartida comercial, a Coreia quer um Acordo de Livre Comércio com o Mercosul e exportar morangos para o Brasil.

Os principais produtos exportados para a Coreia são milho, soja, carne de frango e café. A carne de frango brasileira representa 65% do volume de exportações. Também se destaca a venda de manga brasileira e estão em análise o comércio de mexerica, mamão e melão.

Fonte: Mapa, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **UE ante una creciente dependencia del Mercosur**

07/02/18 - por Equipe BeefPoint O setor agropecuário vem pesando no acordo comercial entre a União Europeia e o Mercosul. Os europeus sabem que esse será um setor cada vez mais sensível para o seu bloco nos próximos anos.

A agropecuária passa por intensas mudanças estruturais na Europa, e o horizonte pode não ser tão favorável. A população envelhece, e a área dedicada à agricultura diminui, reduzindo o número de propriedades agrícolas.

A força de trabalho recua com intensidade no campo e, após queda de 8% de 2012 a 2016, deverá acumular retração de 28% até 2030. O setor tem dificuldades em criar empregos atrativos para os jovens no campo.

Essas mudanças forçam as fazendas a buscar cada vez mais uma economia de escala e maiores investimentos em máquinas. O preço da terra e os custos sobem, encurtando as margens de lucro.

Recente avaliação do setor de desenvolvimento agrícola e rural da Comissão Europeia indica que, devido à redução de área, a UE aposta no aumento da produtividade.

Os europeus, no entanto, estão em um círculo vicioso. Esperam crescimento de 4% na produção de carne de frango, estabilidade na de suínos e recuo de 7% na bovina. Terão de importar mais milho e farelo de soja para elevar a produção de proteínas, mas não vão se livrar ainda da importação de carnes.

A compra externa de carne de frango deverá subir 20% em 2030, em relação à quantidade atual, e a bovina, 22%. O bloco continuará dependente das importações de milho e de farelo de soja, essenciais na ração.

As mudanças estruturais por que passa a agropecuária europeia poderão dar menor margem à atividade na região, o que a tornará mais dependente do Mercosul. Apesar de duros na negociação, os europeus, por certo, estão atentos a esses números.

### **Exportaciones de vacunos vivos: 24 mil cabezas en Enero 2018**

Quinta-feira, 8 de fevereiro de 2018 - Após fechar o ano com alta de 41,9% no volume de bovinos vivos exportado pelo Brasil, em relação a 2016, 2018 começou positivo para esse mercado, já que nesse mesmo período do ano passado, nenhum animal foi exportado.

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em janeiro foram exportadas 24,2 mil cabeças de bovinos vivos com faturamento total de US\$18,9 milhões.

Os animais foram enviados para o Egito, Líbano e Turquia. Vale destacar, que esse último foi o principal comprador do Brasil nos últimos dois anos.

A Turquia busca animais inteiros, principalmente cruzamento-industrial e que pesam entre 160kg e 280kg, o que vem movimentando o mercado de reposição em estados como Pará e Rio Grande do Sul. No estado gaúcho, os animais chegam a ser negociados de R\$6,00/kg a R\$6,50/kg.

### **Exportaciones de hacienda en pie reaviva polémica**

#### ***Existen 100 mil cabezas en cuarentena para exportar***

07/02/18 - por Equipe BeefPoint Os terminais portuários brasileiros devem embarcar nos próximos dias 100 mil animais vivos rumo a destinos estrangeiros. Em entrevista à Globo Rural, o ministro da Agricultura e Pecuária, Blairo Maggi, disse que esse é o tamanho do lote atual que está em quarentena em diversas fazendas do país. O ministro não deu detalhes sobre data nem locais de embarque dos animais, mas ressaltou que a operação é regulamentada pelo governo há anos.

Segundo Maggi, o mercado de animais vivos no Brasil gira em torno de 600 mil cabeças por ano. “Nós procuramos esses mercados [no exterior], abrimos e são mercados importantes para a pecuária brasileira. Temos aí mais de 100 mil bois em confinamentos e estações de quarentena para serem exportados nos próximos dias. São navios que vão chegar e não podemos parar com tudo isso”, disse.

O mercado de animais vivos é disputado no exterior por Brasil, Argentina, Uruguai, Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia. Os compradores, segundo Maggi, são os países islâmicos, que fazem o abate halal, respeitando algumas regras. A pessoa que mata o animal, por exemplo, precisa ser muçulmana. Além disso, lembra o ministro, há também países que não tem estrutura para receber carne congelada.



“Existem dois mercados que compram assim, é o halal, que, no caso a Turquia, prefere fazer o abate deles lá e não comprar a carne já pronta, congelada. E também alguns outros países que não têm uma cadeia de frio ainda completa, não conseguem guardar essa carne. Então eles compram os animais vivos e interiorizam os animais, levam para a zona de consumo e lá vão abatendo. Esses dois mercados são importantes”, explica Maggi.

Dados do Agrostat, sistema do governo com estatísticas de exportações, mostram que no ano passado o Brasil faturou 32% mais com as vendas de animais vivos. O negócio gerou ao país US\$ 276 milhões (cerca de R\$ 890 milhões).

### ***Justicia liberó la exportación de animales vivos anulando una medida cautelar***

Fonte: Valor Econômico. 06/02/18 - por Equipe BeefPoint A presidente do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF-3), desembargadora Cecília Marcondes, derrubou ontem a liminar que proibia todas as exportações brasileiras de animais vivos. A decisão atendeu a um recurso apresentado no último domingo pela Advocacia-Geral da União (AGU).

“Determino a suspensão da liminar [...] que impedia a exportação de animais vivos para abate no exterior em todo o território nacional, até o trânsito em julgado da ação civil pública”, escreveu Cecília Marcondes na decisão.

A liminar que proibia as exportações de animais vivos do país foi proferida na última quinta-feira pelo juiz da 25ª Vara Federal da Seção Judiciária de São Paulo, Djalma Moreira Gomes, após uma ação civil pública movida pela ONG Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal. O alvo da ação era um navio com 25 mil bovinos atracado no porto de Santos e que tinha como destino a Turquia. A carga pertence à Minerva Foods, maior exportadora de bois vivos do Brasil e terceira maior indústria de carne bovina.

No pedido de suspensão da liminar, a AGU alegou que a proibição das exportações gerava grave lesão à ordem administrativa, à saúde e à economia públicas. Em relação à saúde pública, o governo argumentou que os 25 mil bovinos não poderiam ser retirados do navio sem uma quarentena, sob o risco de introduzir um agente patógeno no Brasil, tendo em vista que o navio é estrangeiro e que animais são alimentados com ração do país de destino da embarcação.

Na esfera econômica, a AGU ressaltou que a proibição afetaria o comércio internacional em um setor no qual o Brasil é protagonista. Conforme as informações prestadas pelo governo no recurso, as exportações de bois vivos rendem cerca de US\$ 170 milhões por ano, por meio da exportação de 600 mil animais.

“Não se pode impedir a exportação de animais destinados a abate no exterior, seja pela existência de normas a respeito do tema, seja por se tratar de modelo eleito pelo administrador e sobre o qual não se pode admitir, em princípio, ingerência do Poder Judiciário, sob pena de violar o indispensável e fundamental princípio da separação dos poderes”, apontou Cecília Marcondes.

No domingo, a AGU já havia conseguido uma vitória parcial, com a decisão da desembargadora do TRF-3 Diva Malerbi que autorizou a saída do navio com os 25 mil bois do porto de Santos. Na decisão do domingo, porém, a desembargadora havia mantido a proibição às exportações de animais vivos.

### **Governo derruba liminar e navio com mais de 25 mil bois deixa o Porto de Santos**

05/02/18 - por Equipe BeefPoint O navio com 25 mil cabeças de gado a bordo recebeu autorização para deixar o Porto de Santos, no litoral de São Paulo, após determinação da Justiça Federal na noite deste domingo (4). A decisão de urgência atendeu a um recurso da Advocacia-Geral da União (AGU), que intercedeu no caso a pedido do Governo Federal. Ativistas alegam maus tratos.

O ministro Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Blairo Maggi, reuniu-se com o presidente Michel Temer ao longo do dia para buscar uma solução ao impasse. A ministra Grace Mendonça, da AGU, recorreu Tribunal Regional Federal da 3ª Região, que derrubou a liminar de instância inferior que impedia a saída da embarcação.

Entre 26 e 31 de janeiro, o cais do Ecoporto, na Margem Direita do complexo portuário, recebeu os bois que eram criados em fazendas no interior paulista, distantes 500 quilômetros do litoral. Os animais foram comprados pela Turquia e o embarque no navio Nada, o maior do tipo no mundo, teve que ser suspenso por ordem judicial.

Trata-se da segunda operação com carga viva no cais santista após 20 anos. Ativistas ligados à proteção animal alegam que os bois são vítimas de maus tratos. A prefeitura multou a empresa responsável pelos bovinos, em R\$ 1,5 milhão, com essa mesma justificativa e, depois, em R\$ 2 milhões, por poluição ambiental.

“A exportação de animais vivos é um assunto muito natural para nós brasileiros. Como o Brasil é um país livre de endemias, há mercado consumidor para isso fora daqui. Temos um rigor interno muito grande, além de termos todas as autorizações para executar a atividade”, afirmou Maggi, chefe do Mapa, em entrevista ao G1.

O ministro diz que foi surpreendido com as decisões judiciais. Determinou-se a suspensão do embarque (faltam cerca de 2 mil bois), o desembarque daqueles animais já a bordo e a inspeção sanitária no navio.



Na vistoria, o laudo da Vigilância Agropecuária afastou maus tratos e atestou as boas condições sanitárias do navio.

“Nesse episódio, entrou um fator novo de questionamento que é o bem estar animal. Eu garanto que não há maus tratos. O ministério tem um setor muito rigoroso nessa questão, que não deixa passar nada de errado”, explicou. Para ele, o impasse tomou caráter ideológico, afastando a avaliação técnica e legal da operação.

Luisa Mell se reúne com ativista em defesa dos bois embarcados no Porto de Santos, SP. (Foto: Tatyana Jorge/G1)

Durante a manhã de domingo, o vice-líder do governo na Câmara, deputado federal Beto Mansur (PRB-SP), a pedido do presidente Temer, ainda segundo o ministro, fez uma vistoria na embarcação. O parlamentar foi hostilizado pelos ativistas ao afirmar que não verificou sinais de maus tratos, apesar de encontrar animais sujos.

“A gravidade do assunto tornou-se pauta do Governo. Estive com o presidente hoje [domingo] e ele está preocupado. A ministra Grace Mendonça, da Advocacia-Geral da União (AGU), entrou com recurso no Tribunal Regional Federal (TRF) para reverter a decisão liminar para que o navio possa deixar o Porto de Santos”.

Na decisão (veja liminar abaixo), a desembargadora federal do TRF, Diva Prestes Marcondes Malerbi, determina que o navio Nada inicie viagem “imediatamente”. Segundo informações da autoridade portuária, a previsão é que ele deixe o cais no início da madrugada desta segunda-feira (5). A ordem já foi remetida para a Marinha do Brasil, que o mantinha no Porto.

O Nada tinha previsão para deixar o cais santista na madrugada de quinta-feira (1), mas a Marinha do Brasil o reteve, por determinação das ordens judiciais. “Se a liminar não caísse, iríamos recorrer ao STJ imediatamente. Além da inviabilidade da logística reversa, para o desembarque, o cheiro da embarcação já incomoda a cidade”.

O chefe da Pasta da Agricultura ainda disse que o impasse, além de ocasionar prejuízo estimado de cerca de R\$ 5 milhões à empresa dona da carga, abala “fortemente” a imagem do País no mercado internacional. “Quem sai ganhando são nossos concorrentes: Argentina, Uruguai, Estados Unidos e Austrália”, aponta.

Maggi diz que a situação, quando solucionada, ainda afasta outras operações semelhantes no Porto de Santos, considerado o mais importante do País. “Claro que deixou de ser interessante. Esse tipo de problema é inédito”, afirma. Assim que conseguirem a liberação, a ordem é que o navio deixe o cais mesmo sem os bois restantes.

“É preciso que as pessoas entendam que a exportação de carga viva atende demandas, seja por tradição do país comprador ou da inviabilidade daquele país de armazenar carne congelada. É algo legal, que acontece no mundo todo, assim como no Brasil, que segue as determinações internacionais para evitar problemas”.

‘Mais prejuízo’ aos bois

Na sexta-feira (2), o médico veterinário Guilherme Henrique Figueiredo Marques, que é auditor fiscal agropecuário, diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e delegado do Brasil na Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) rechaçou o impasse.

“Resta claro que a judicialização da questão, com a consequente demora para prosseguimento da viagem e desembarque dos animais no destino, causa muito mais prejuízos do ponto de vista do bem-estar animal do que o que é atribuído pelas ONGs, e que gerou o impasse”, declarou, por meio de nota enviada ao G1.

Liminar

Turquia no cais

Também na sexta-feira, uma equipe do Consulado Geral da Turquia em São Paulo, representando o país comprador da carga, esteve no Ecoporto para participar de uma reunião sobre o impasse. O G1 procurou os representantes, inclusive na Embaixada em Brasília, mas não obteve retorno até a publicação desta reportagem.

A Turquia é considerada justamente a principal compradora de bovinos vivos em 2017, segundo a Sociedade Rural Brasileira (SRB). Conforme dados oficiais, dos 340,34 mil bois exportados de janeiro a novembro do ano passado, 47,5% foram enviados para o país. Em dezembro de 2017, uma operação ocorreu em Santos.

Seguem as regras

A Minerva Foods, por meio da assessoria de imprensa, informou que a exportação de bois vivos “é uma atividade regulamentada pelo Mapa” e ressalta que, em seu processo, “o manejo do gado segue todos os procedimentos adequados para preservar o bem-estar”. A empresa não comentou sobre as penalidades aplicadas.



Também por nota, o Ecoporto informou que a movimentação de carga viva é uma operação experimental, mas que seguiu as regras e que todo o trabalho foi acompanhado pelas autoridades. “A empresa dará imediato cumprimento às ordens judiciais recebidas tão logo sejam oferecidas condições adequadas”.

### ***Preocupación sectorial ante un embate judicial***

8 de fevereiro de 2018 - Entidades se mobilizam para evitar novos embates jurídicos; representantes consideram possíveis mudanças nas operações de embarque

Ampliar foto Setor teme novos entraves à exportação de animais vivos

Representantes do agronegócio temem novos entraves jurídicos à exportação de gado vivo pelo Brasil, após o imbróglio iniciado na semana passada no Porto de Santos, SP, com o embarque de 25.000 bovinos da Minerva Foods à Turquia.

A "briga" jurídica começou quando a exportação desses animais foi barrada na noite de sexta-feira, 2 de fevereiro, pelo juiz federal Djalma Moreira Gomes, da 25ª Vara Federal da Seção Judiciária de São Paulo, acatando pedido de liminar da ONG Fórum Nacional de Proteção Animal. Na decisão, o juiz havia proibido não só este embarque, como a exportação de animais vivos para abate a partir de qualquer porto do país.

A viagem dos bovinos, porém, acabou sendo autorizada no domingo, pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF-3), acatando pedido da Advocacia-Geral da União. Na noite de segunda-feira, o mesmo TRF-3 liberou o embarque de bovinos vivos em todo o país. No entanto, no entendimento do setor, os eventos recentes abriram brechas para que mais pedidos para barrar outros embarques sejam aceitos pela Justiça. A atividade é regulamentada pelo Ministério da Agricultura.

Para se precaver de novos bloqueios, entidades do agronegócio vêm se reunindo nos últimos dias, programando ações e discutindo possíveis mudanças. Representantes do setor propõem ações jurídicas, uma campanha de comunicação voltada ao público externo e possíveis mudanças nas operações de embarque.

"Queremos sanar dúvidas para termos um modelo seguro para a pecuária nacional, que não passe mais por acontecimentos desse tipo", afirmou o assessor jurídico Octávio Pereira Lima, da Associação Brasileira dos Exportadores de Animais Vivos (Abreav).

Lima participou nesta tarde de quarta-feira, 7, de reunião na sede da Federação da Agricultura de São Paulo (Faesp), em São Paulo, para tratar do assunto. Ele acrescentou que o setor está preparado "para corrigir algumas coisas". Um exemplo é o uso de caminhões-pipa para higienizar as vias nas cidades por onde os veículos passam transportando boiadas até chegar aos portos.

Segundo ele, essa medida já é adotada em alguns dos embarques pelo Porto de São Sebastião, também no litoral paulista. No caso do navio Nada, que seguiu para a Turquia a partir de Santos, a Minerva Foods chegou a ser multada pela prefeitura por poluição, "em virtude do forte cheiro gerado pela carga viva". "A batalha agora é jurídica, já que do ponto de vista administrativo o embarque atendeu a todos os requisitos", disse o coordenador da Comissão de Bovinocultura de Corte da Faesp, Cyro Penna Júnior.

O vice-presidente de Relações Internacionais do Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC), Sebastião Costa Guedes, reconhece que é "um equívoco" usar o Porto de Santos para esse tipo de carga. Para ele, os embarques no Estado de São Paulo deveriam ficar limitados a São Sebastião, pois Santos é um grande conglomerado "com outro tipo de tradição (no tipo de carga movimentada)".

A proibição de se usarem caminhões de grande porte na área portuária de Santos é outro entrave, na opinião dos representantes reunidos na Faesp, já que aumenta o número de veículos usados em uma operação, intensificando o tráfego e retardando o embarque, além de aumentar a quantidade de dejetos. Só para embarcar os 25 mil bois no navio Nada, foram necessários cerca de 500 caminhões.

Na terça-feira, a Sociedade Rural Brasileira (SRB) também promoveu um encontro para debater o tema. Foi uma reunião fechada à imprensa, mas, segundo uma fonte, ficou claro que há um receio de que novas suspensões podem acontecer a cada embarque, mesmo com o episódio de Santos solucionado.

### ***Normas regulatorias serán actualizadas***

Fonte: Portal DBO 8 de fevereiro de 2018 - Consulta pública realizada em 2017 recebeu 119 manifestações; relatório consolidado deve ser encaminhado para publicação em março

Ampliar foto Normas para exportação de animais vivos serão atualizadas Segundo coordenadora de Trânsito e Quarentena Animal, mudanças já estavam programadas

As normas que regulamentam as exportações de animais vivos devem receber atualização em breve. “É um aperfeiçoamento da Instrução Normativa (IN) 13, de 2010, que é eficiente e já traz os conceitos essenciais”, afirma Júdi Maria da Nóbrega, coordenadora nacional de Trânsito e Quarentena Animal do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

De acordo com ela, o objetivo das alterações é facilitar a operacionalização do processo para o auditor fiscal ao colocar parâmetros em alguns pontos da normativa. “Temos previsão de finalizar os trabalhos de consolidação das manifestações e encaminhar para publicação até março”. Antes disso, o relatório ainda será apreciado na Comissão Técnica de Bem-Estar Animal para “enriquecer a norma” no aspecto técnico,



diz Júdi. De acordo com ela, a mudança não tem relação direta com a suspensão recente dos embarques de gado vivo nos portos do país - e que já foi revertida - e essa programação do relatório está definida desde novembro do ano passado.

Para se chegar à versão final, uma consulta pública foi realizada em março de 2017. A coordenadora afirma que a divisão recebeu 119 manifestações, sendo 38 de colaboradores do próprio ministério e 81 de externos - entidades e individuais. Do total, 102 tinham sugestões em relação a conteúdo, com boa parte se concentrando nos artigos 8º e 14º da minuta. O 8º veda a exportação de fêmeas em idade reprodutiva quando destinadas ao abate. De acordo com Júdi, várias manifestações eram contrárias a essa proibição pelo ponto de vista econômico, enquanto algumas argumentavam que, como não se trata de uma norma sanitária, não caberia à normativa fazer essa limitação. A IN 13 não proíbe a venda para abate, apenas exige que as fêmeas estejam “acompanhadas de atestado negativo ao exame de prenhez, realizado nos sete dias anteriores à data de seleção para exportação e firmado por médico veterinário”. Ainda não está definido como ficará a redação final do artigo.

Em relação ao artigo 14º, parte das manifestações foi em relação aos parâmetros adicionados às condições exigidas para o Estabelecimento de Pré-embarque (EPE) e se os números eram os mais certos a serem adotados. Diferentemente da IN 13, a minuta da consulta pública apresenta referências, como a que determina a exigência de “piquetes de pastagem com drenagem adequada e cobertura forrageira em qualidade e quantidade para alimentação dos animais durante a quarentena e área de 10 a 40 m2/bovino ou bubalino e 5 a 10 m2/ovino ou caprino”.

Em relação ao transporte marítimo em si, Júdi afirma que foi sugerido que se adotasse na nova normativa a tabela de referência internacional no que diz respeito à densidade de animais na embarcação. “São recomendações de parâmetros, até para que os fiscais do Mapa tenham base mais concreta para a operacionalização”. A portaria e a minuta da consulta pública podem ser consultadas na íntegra em: <http://bit.ly/2GWKm38>.

Transporte rodoviário - Materiais de referência de boas práticas de transporte terrestre de animais de produção estão sendo preparados por uma equipe do Mapa para orientar e treinar os transportadores. A previsão é de que o lançamento seja feito no segundo semestre deste ano. O trabalho complementa a resolução nº 675 publicada pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran) no ano passado, que coloca algumas exigências, como abertura total da traseira e ventilação e controle de temperatura adequados, para o deslocamento terrestre de animais de produção e que entrará em vigor em 2019. “Vamos evoluir muito nos próximos três anos no transporte rodoviário”, afirma Lizíe Pereira Buss, chefe da Divisão de Bem-estar Animal e Equideocultura da coordenação de Boas Práticas e Bem-Estar Animal. Segundo ela, há também conversas entre o ministério e o Contran para que seja estabelecido um programa nacional de capacitação de condutores que realizam esse transporte.

### **Carne Fraca: nuevo acuerdo de delación premiada**

09/02/18 - por Equipe BeefPoint A operação Carne Fraca vai contar com mais um acordo de delação premiada. O juiz Marcos Josegri da Silva, da 14ª Vara Federal de Curitiba, homologou nesta quinta-feira (8) a delação de Maria do Rocio Nascimento, ex-chefe do Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal no Paraná e presa desde março de 2017.

As investigações realizadas até o momento apontam que Maria e o ex-superintendente do Ministério da Agricultura no Paraná entre 2007 e 2016, Daniel Gonçalves Filho, lideravam um esquema que beneficiava determinados frigoríficos e empresas do setor de alimentos em troca do pagamento de propina.

A operação Carne Fraca vai contar com mais um acordo de delação premiada. O juiz Marcos Josegri da Silva, da 14ª Vara Federal de Curitiba, homologou nesta quinta-feira (8) a delação de Maria do Rocio Nascimento, ex-chefe do Serviço de Inspeção de Produtos de Origem Animal no Paraná e presa desde março de 2017.

As investigações realizadas até o momento apontam que Maria e o ex-superintendente do Ministério da Agricultura no Paraná entre 2007 e 2016, Daniel Gonçalves Filho, lideravam um esquema que beneficiava determinados frigoríficos e empresas do setor de alimentos em troca do pagamento de propina.

## **URUGUAY**

### **Novillos llegan a los US\$ 3,20 en negocios puntuales**

Por Blasina y Asociados, para El Observador Febrero 9, 2018 La reposición acompaña la suba del ganado gordo

Los valores en el mercado del ganado gordo siguen es ascenso, con negocios puntuales para novillos especiales de hasta US\$ 3,20 por kilo carcasa. La reposición ha acompañado la suba del ganado gordo.

La industria mantiene una demanda fluida y ha sido un factor clave en la conformación de precios. También ha presionado la necesidad de cargas rápidas previo a carnaval. "Todos los años en estas



fechas hay un sobreprecio porque la industria necesita faenar y tienen que pagar algo más para cargar en esos días complicados", señaló un operador consultado. Por fuera de eso, las entradas a plantas industriales se mantienen entre una semana y 10 días.

La oferta de ganados buenos y pesados no es abundante, pero sí de ganado más generales, en muchos casos con ventas impulsadas por la falta de lluvias.

El rango de precios para los negocios por novillos gordos es entre US\$ 3,15 y US\$ 3,20 máximo, en casos excepcionales. "Hoy son muchos los productores que están logrando buenos valores", apuntó el consignatario.

En el caso de la vaca la escalera de precios es más amplia. Las ventas por los ganados más generales US\$ rondan los 2,80 por kilo; alrededor de US\$ 2,85 por vacas de buena terminación y en algunos casos especiales de animales bien terminados, de 230 kilos de carcasa, con poco flete, se logran los US\$ 2,95.

Los negocios por vaquillonas siguen con valores firmes, entre US\$ 3,10-3,12, con una fuerte demanda del abasto.

El dato de faena semanal vacuna al 3 de febrero continúa por encima de las 50.000 cabezas, pero interrumpió la suba de tres semanas consecutivas. Totalizó 51.379 cabezas, cifra 1,7% por debajo de los 52.284 animales enviados a planta la semana anterior y 5,3% por encima de las 48.790 cabezas de igual periodo del año pasado.

En enero la faena fue la más alta para ese mes en 10 años. Se mataron 218.647 animales, 18% más que el mismo mes del año anterior, con 193.820 vacunos. Del total faenado en enero, el 49,9% fueron novillos y el 48,1% vacas.

Que se mantengan los altos volúmenes de faena será clave en la evolución de precios en las próximas semanas. También la llegada de las lluvias, dando un mayor margen de maniobra a los productores en la medida que se concreten los pronósticos. "Si no llueve se va a complicar", sostuvo el operador.

Reposición acompaña a la suba del gordo

La demanda sostenida de la exportación en pie ha impulsado los valores en el mercado de reposición. Operadores de la exportación han comprado terneros de entre 160 y 300 kilos entorno a US\$ 2,15 por kilo. Otro factor clave está siendo la suba del ganado gordo, que está permitiendo reponer con mayor facilidad.

Los dos aspectos se vieron reflejados en el primer remate del año de Plaza Rural. Las ventas por terneros livianos promediaron US\$ 2,60 y tocaron un máximo de US\$ 2,75. Los de entre 140 y 180 kilos lograron US\$ 2,27 promedio y máximo US\$ 2,52. Y los terneros de más de 180 kilos promediaron US\$ 2,02 con máximo de US\$ 2,25.

Exportación de carne vacuna supera US\$ 3.500 la tonelada

El precio de exportación de carne vacuna sigue firme, con un promedio de US\$ 3.506 por tonelada en la semana cerrada el 3 de febrero, el mismo exacto de la semana anterior.

En lo que va del año el promedio se ubica en US\$ 3.418, marginalmente arriba de los US\$ 3.412 de igual periodo de un año atrás, aunque con un volumen exportado muy superior. Hasta el 3 de febrero 43.715 toneladas, 15% arriba de las 37.951 de igual periodo del año pasado.

En el caso de la carne ovina, fue de US\$ 4.707 por tonelada en la semana cerrada el 3 de febrero, 18% arriba de los US\$ 4.007 de la semana anterior. El destaque lo tiene el precio promedio en lo que va del año, de US\$ 4.710 por tonelada, 12,8% por encima de los US\$ 4.175 de igual periodo de 2017.

### **ProdExpo Moscú reconoció aporte del INAC**

05/02/2018 - Uruguay busca usar vacío que dejó Brasil en el mercado ruso.

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) recibió un certificado reconociendo su aporte al desarrollo de la ProdExpo Moscú, donde viene promocionando las carnes uruguayas en el mercado ruso en los últimos 12 años.

La feria que es la referente para los países que componen la Federación Rusa y la Europa del Este, se desarrolla hasta el próximo viernes y junto con la World Food Moscow —que se realiza en setiembre—, es una de las exhibiciones agroalimentarias más reconocidas.

El stand del INAC tiene este año 98 metros cuadrados y cuenta con la participación de cuatro empresas co-expositoras —tres del sector de carne vacuna y ovina, y una empresa del sector avícola—, más una delegación de brokers y traders.

La comitiva oficial está integrada por el presidente del INAC, Federico Stanham, los delegados de la Junta Directiva, Gastón Scayola y Jorge Slavica, representantes de la industria y de los productores respectivamente.

El embajador uruguayo en Rusia, Enrique Delgado, y el equipo del cuerpo diplomático estuvo presente en el primer día de inauguración de la feria.

El stand de INAC centra su mensaje en la calidad del proceso productivo, la pasión y la búsqueda de altos estándares. Este mensaje se unió al motivo del fútbol.





El slogan utilizado fue "Compartimos una misma pasión: la calidad". La ProdExpo Moscú tiene una superficie de 10 hectáreas y están participando 63 países con un total de 2.300 expositores. Según los datos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) —parciales a febrero—, los importadores rusos se llevaron 2.613 toneladas de carne bovina peso canal cuando antes habían comprado 565 toneladas peso canal; las compras crecieron 362%. Los importadores rusos hoy tienen menos proveedores y Uruguay busca su oportunidad.

### **Escenario "muy competitivo" para la carne uruguaya en Rusia**

Febrero 9, 2018 Cierra este viernes la feria de Moscú, donde Uruguay ofreció su carne vacuna

"El escenario que vemos para Uruguay es muy competitivo y con oportunidades moderadas" para la colocación de carne vacuna, resumieron a El Observador Agropecuario el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, y el gerente de Marketing, Lautaro Pérez.

Stanham preside la delegación oficial en la 23a edición de la ProdExpo, la mayor feria de la alimentación y bebidas de Rusia y Europa del Este, que culmina hoy y donde Uruguay tiene un stand de INAC para hacer negocios.

Ambos comentaron que "el mercado de proteínas cárnicas está experimentando grandes cambios en Rusia. La producción de carne aviar y porcina ha tenido un extraordinario aumento en los últimos años, acercándose a niveles de autosuficiencia y mostrando niveles significativos de exportación. Hoy hay una mayor oferta de carnes y a precios muy competitivos".

Por otro lado, "la crisis económica desde 2014 y las sanciones aplicadas a Rusia, llevaron a una marcada reducción en las importaciones. En el caso de carne bovina, hasta 2014 se ubicaban en un millón de toneladas anuales. Para 2018 se pronostican unas 480 mil toneladas, menos de la mitad de los niveles promedio anteriores, y no se proyectan mayores cambios en los próximos años".

Agregaron que "la carne bovina para procesamiento (congelada) ha sido últimamente abastecida por Brasil (suspendido temporariamente), Paraguay y Belarus. La carne de alta calidad, que es un segmento reducido, se abastece por la producción local (en empresas de alto porte y verticalmente integradas) complementándose, en el caso de carne enfriada, de Belarus".

El sector cárnico de Uruguay tiene como fortalezas en Rusia "una larga trayectoria (en 2006 tomaron vuelo las exportaciones a este destino), una alta reputación y la permanencia continua en el mercado. El sector cárnico de Uruguay tiene como fortalezas en Rusia "una larga trayectoria (en 2006 tomaron vuelo las exportaciones a este destino), una alta reputación y la permanencia continua en el mercado

Respecto al segmento de alta calidad (producto enfriado), donde Rusia concedió una cuota a Uruguay, sostuvieron que "está operativa y funcionando correctamente, pero en volúmenes pequeños. Las condiciones de acceso con las que cuenta Uruguay en este momento en términos de protocolos, aranceles y cupo disponible son más que adecuados para el tipo de producto y volumen de exportaciones que se prevén para los próximos años".

El sector cárnico de Uruguay tiene como fortalezas en Rusia "una larga trayectoria (en 2006 tomaron vuelo las exportaciones a este destino), una alta reputación y la permanencia continua en el mercado, aún en momentos donde existen otras alternativas comerciales mejores", dijeron, y agregaron que "una debilidad de Uruguay es compartida con los otros países del Mercosur ya que, comparado con Belarus, debemos pagar aranceles para exportar a Rusia".

Las exportaciones de Uruguay a Rusia en 2017 alcanzaron US\$ 34,8 millones, 1,9% del total del valor exportado. De dicha cifra, US\$ 16,3 millones correspondieron a carne bovina, por un total de 8.525 toneladas peso carcasa (1,9% del total del volumen de exportaciones de carne bovina). En valor, en 2017 hubo una suba de 17% en las exportaciones totales hacia Rusia en comparación con 2016, explicado por menudencias y subproductos.

### **Precio de exportación de carne vacuna sigue firme, con buena demanda de Israel, EEUU y Canadá**

08/02/18 El precio de exportación de carne vacuna sigue firme, con un promedio de US\$ 3.506 por tonelada en la semana cerrada el 3 de febrero, el mismo exacto de la semana anterior.

En lo que va del año el promedio se ubica en US\$ 3.418, marginalmente arriba de los US\$ 3.412 de igual periodo de un año atrás, aunque con un volumen exportado muy superior. Hasta el 3 de febrero 43.715 toneladas, 15% arriba de las 37.951 de igual periodo del año pasado.

Para Alejandro Berrutti, director de Berrutti United Breeders and Packers, la firmeza de precios se explica por mercado internacional "bien integrado", con buena demanda por cortes delanteros (con los equipos kosher trabajando) y de cortes traseros (principalmente por la demanda de EEUU y Canadá), lo que permite darle fluidez a los negocios.

La operativa de China se ha enlentecido en este comienzo de año en lo que es la compra, pero se realizan envíos por ventas que se hicieron previamente, señaló al programa Tiempo de Cambio de radio Rural. "Todo esto impulsa volúmenes de faena que son bastante alentadores para esta época del año", sostuvo.



Las pocas compras chinas están asociadas a sus feriados y se espera que retomen con agilidad las compras luego de las festividades y de evaluar cómo han evolucionado sus stocks, explicó.

### **Colita de cuadril de Uruguay o de Paraguay, ¿cuál prefiere?**

Febrero 6, 2018 Las del país guaraní compiten de igual a igual en el mercado local

Un corte de carne vacuna de Paraguay como la colita de cuadril envasada al vacío, cuesta en el mercado uruguayo \$ 245 el kilo en las carnicerías que lo ofrecen. El mismo corte, pero del Frigorífico Las Piedras, se ofrece a \$ 249 el kilo en el supermercado Disco.

Es habitual que la carne importada de Paraguay compita en precios con la uruguaya, confirmó a El Observador el presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UVC), Hebert Falero, al igual que la carne procedente de Brasil. Sin embargo, el negocio no es de envergadura, ya que representa apenas 2% de la carne vacuna en los comercios. Con ese exiguo porcentaje de importación, la carne paraguaya superó a la brasileña en el mercado local, aseguró el dirigente de los carniceros.

En la actualidad ingresa más carne paraguaya que brasileña para el consumo de los uruguayos, explicó Falero, quien recordó que, si bien el precio del novillo "es más caro" en Paraguay, el país guaraní es competitivo porque tiene "costos mucho menores" que Uruguay. En especial, en energía, salarios y aportes a la previsión social.

La importación de carne vacuna por parte de los comerciantes uruguayos es una estrategia para mantener los precios, al tiempo que sirve para aprovechar ofertas. Pero esas ofertas se encuentran también en Uruguay. Se trata de cortes que los frigoríficos no han podido colocar y los ofrecen a mejores precios a los carniceros para continuar su ritmo productivo. Por ejemplo, en el caso de las colitas de cuadril, Falero confirmó que suele haber ofertas de los proveedores a un precio 10% inferior.

Lo que predomina en el mercado local de la carne es "una gran variedad de proveedores y de precios", explicó Falero, y aseguró que "puede haber una variación de 5% a 10% en el valor, según la cantidad de cajas que se compren y la forma de pago".

Durante una recorrida, El Observador pudo comprobar que la colita de cuadril paraguaya compite con la uruguaya, que tiene cortes premium de mayor calidad y a mayor precio. En el Disco de avenida Agraciada, casi Asencio, se ofrece el corte de Cabaña Premium, fraccionado por el propio supermercado, a \$ 324 el kilo. En el mismo comercio también se puede adquirir una colita de cuadril Hereford certificada, del Solís Meat Uruguay, a \$ 385 el kilo.

Sin embargo, la realidad de las carnicerías es diferente a la de los supermercados, que en general tienen mayor poder de compra que en los comercios chicos.

La carnicería La Fe, de Millán y Caridad, ofrece las colitas de cuadril de Frigochaco, de Paraguay, a \$ 245 el kilo "como oferta". Una empleada contó a El Observador que las ofertas son parte del negocio: a veces se compran los cortes y en otras oportunidades se pueden sacar de la media res. Son recursos habituales que tienen los carniceros para atender a sus clientes y ganar nuevos.

Más allá de las ofertas, la preocupación de los carniceros es la caída de las ventas de carne en enero que, junto con febrero, son los dos meses de menor movimiento comercial debido a la salida de los montevideanos hacia los balnearios del este para pasar sus vacaciones.

### **El campo decidió dialogar y posponer nuevas medidas**

04/02/2018 Se crearán mesas departamentales que contemplen a todos los sectores.

Los sectores productivos nucleados en el movimiento "Un Solo Uruguay" decidieron ayer en una asamblea en Durazno que si son invitados formalmente por la Presidencia de la República participarán de la mesa de diálogo propuesta por el presidente Tabaré Vázquez, al tiempo que pospusieron la adopción de nuevas medidas de movilización.

Los integrantes de la mesa coordinadora del movimiento "Un Solo Uruguay" -Federico Holzman, Marcelo Nougué, Guillermo Franchi y Álvaro Rivas- dijeron que si reciben la invitación del Presidente, Tabaré Vázquez, para una reunión de trabajo, solicitarán que sea a la brevedad, "bastante antes en el tiempo, porque hay urgencias y la necesidad de toma de decisiones"

"Lo primero es aguardar si esta convocatoria surge, pero reiteramos que la agenda del movimiento es independiente de esta reunión; si esta invitación se recibe, se va a plantear la necesidad de que esa reunión de trabajo empiece antes de la fecha que está prevista, por lo menos, planteada o contemplada para después de Carnaval".

La participación en la instancia propuesta por Vázquez se votó por unanimidad, pero se hizo la salvedad de que debe ser una "mesa de trabajo, no de diálogo".

La precisión se hace porque los integrantes del movimiento no quieren que se diluya en "diálogos improductivos", sino que sea "una negociación ejecutiva con plazos cortos, que no se dilate en el tiempo".

En cuanto a las protestas que se vinieron realizando al costado de las rutas se decidió dejarlas en suspenso "para no desgastar el mecanismo". De cualquier forma en caso de no ser invitados a participar



de la instancia propuesta por el presidente tienen prevista una batería de medidas de menor a mayor magnitud que van a ir realizando y que mantendrán en reserva hasta que se apliquen.

Conformidad.

Los delegados de todo el país que participaron de la asamblea se retiraron de la reunión conformes con la respuesta a la convocatoria y dijeron en rueda de prensa que el importante número de personas presentes supone “una reafirmación de la unidad del movimiento, algo que se ha querido poner de alguna manera en tela de juicio, sin embargo lo que vimos acá fue una adhesión muy fuerte, con la presencia de las gremiales agropecuarias, la industria, el comercio a través de los centros comerciales, el transporte, la granja, delegaciones de cañeros de Bella Unión, jubilados, representantes de grupos de trabajadores”.

“Asumimos el compromiso en esta jornada de tener la proclama como una especie de Constitución, a la cual nos vamos a adherir y vamos a pelear en todos los frentes que haya que pelearlo, en procura de que esta proclama se vaya cumpliendo y se vaya atendiendo cada uno de los reclamos que se hacen”, dijeron los coordinadores del movimiento.

Agregaron que “están todos los grupos, los colectivos, las gremiales, las instituciones que adhirieron en su momento al movimiento y que están adheridos a esta proclama y la consigna es justamente el diálogo, sí, pero detrás de él persiguiendo lo que es el cometido de la proclama”.

Posiciones.

La asamblea, que duró unas siete horas y media, albergó opiniones y planteos diversos, algo que los organizadores consideraban previsible, dado el marco heterogéneo de participantes, con puntos de vista semejantes, en algunos casos, o muy distantes en otros.

Dentro de las múltiples posturas, hay quienes consideran que la carga impositiva grava en mayor medida al productor uruguayo y extiende exenciones o gravámenes inferiores a firmas internacionales establecidas en el país.

Por eso, un productor expuso, a viva voz en dirección al gobierno: “Paren los beneficios a las multinacionales, hay que darle más oxígeno, un sesgo más nacionalista a la situación productiva”.

Por momentos, el clima de la conversación se caldeó por puntos de vista diferentes. “Hay que salir a la calle, a las rutas, basta de hablar y hablar”, tiró uno de los concurrentes. No obstante, primó la cordura de un tratamiento reflexivo de los temas.

Resoluciones.

Sobre el final de la asamblea, luego de los informes elaborados en grupos por sector, los integrantes de la mesa coordinadora informaron de las medidas adoptadas:

La asamblea acordó delinear una batería de medidas, que estará a consideración de la mesa ampliada, que trabajará en coordinación con representaciones departamentales que contemplen todos los rubros.

El movimiento se mantiene en vigilia permanente en evaluación de las medidas y señales que esperan del gobierno.

Los sectores que estuvieron representados fueron: Ganadería y agricultura 72, Transporte 13, Arroz 4, Lechería 18, Industria y Comercio 13, Caña 3, Montevideo 4, Colonos 6, Viticultores 2, Hortícolas 4, Emprendedores 3, Jurídicos 2, Forestal 3, Apícolas 2 y Servicios Agrícolas 3.

Destacados.

Organización. Dentro de los próximos pasos a seguir, esta la formación de comisiones departamentales, lo que llevará a “descentralizar el propio movimiento a través de delegados zonales que representen los distintos rubros”.

Unidad. Álvaro Rivas, uno de los voceros del movimiento Un Solo Uruguay, sostuvo que el nuevo encuentro en Durazno “reforzó el compromiso de unidad y de pertenencia al movimiento sumando la presencia además de nuevos sectores de la cadena productiva”.

Respaldo. Se puso a consideración la actuación de la mesa coordinadora, que tuvo un respaldo unánime, con un apoyo muy importante por parte de los delegados.

Participación. En la asamblea de Durazno hubo 147 delegados de todo el país que integran casi todos los sectores de la actividad económica del Uruguay.

## PARAGUAY

### La mejor carne paraguaya se expone en Rusia

07 de Febrero de 2018 La Cámara Paraguaya de Carnes participa, por quinta vez consecutiva, de la feria Prodexpo, que se inició el lunes y se extiende al 9 de febrero en Moscú, Rusia. El titular del gremio, Juan Carlos Pettengill, recordó que en el año 2017 Rusia compró el 25% de la carne exportada por Paraguay. “Quiere decir que este país es un mercado importante”, expresó.

Respecto a la presencia de la carne paraguaya en la feria rusa, dijo que el objetivo es presentarse como una alternativa válida, considerando que Brasil tiene una prohibición para exportar carne a Rusia.



Los frigoríficos que participan son: Neuland, Guaraní, Frigochaco, Chortitzer, Minerva Food y Upisa. Prodexpo es la mayor feria anual de alimentos de Rusia y Europa del Este. Aglutina a más de 2.300 participantes de 63 países.

### **Directora de la OIE visitará Paraguay**

08 de Febrero de 2018 Del 7 al 9 de marzo, vendrá al país la directora general de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), Monique Eloit. Ella ocupa ese cargo desde el 1 de enero del 2016, tras haber sido directora general adjunta del 2009 al 2015.

“Esta visita sirve para respaldar aún más la seriedad del Paraguay. Además, nuestro presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Hugo Idoyaga, es parte del Consejo de la OIE”, resaltó la empresaria ganadera Maris Llorens al anunciar esta visita. Agregó que probablemente Eloit se encontrará con el presidente Horacio Cartes y otros miembros del gobierno, lo que podría ayudar a promocionar mejor a Paraguay en el mundo de la sanidad mundial. “La entrada de la carne en EE.UU., por ejemplo, depende de la seriedad y credibilidad del servicio sanitario, y el nuestro es creíble, transparente y cumple con los deberes”, sostuvo Llorens.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **Brexit: Comisión Europea dio a conocer el borrador de los acuerdos de transición**

The European Commission has today published a draft text of the transitional arrangements to be included in the Article 50 Withdrawal Agreement, following the United Kingdom's request to remain in the Single Market and the Customs Union for a short time-limited period after its withdrawal from the European Union on 30 March 2019. Today's text reflects the clear, detailed mandate provided to the Commission by the Member States on such possible transitional arrangements. In particular, it translates into legal terms the principles set out in the European Council guidelines of 29 April 2017 and 15 December 2017, as well as the negotiating directives adopted on 29 January 2018. As the UK will remain part of the Single Market and the Customs Union (with all four freedoms) until 31 December 2020, the UK will remain bound by EU law and the jurisdiction of the European Court of Justice. Union *acquis* will continue to apply in full to and in the UK during this period. Any changes made to the *acquis* during this time should automatically apply. As the UK will be a third country as of 30 March 2019, it will no longer be represented in Union institutions, agencies, bodies and offices. The draft text (see here) will now be discussed amongst the EU27 Member States, before being formally transmitted to the United Kingdom.

### **REINO UNIDO: progresan las negociaciones para abrir CHINA**

05 February 2018 UK - An agreement to progress lifting the BSE ban on British beef exports to China is a vital first step in unlocking this major market, which could be worth £250 million in the first five years, according to AHDB.

New measures to improve market access to China were announced by Prime Minister Theresa May this week – in a move which could see beef from the UK exported to the country for the first time in over 20 years.

It is anticipated the BSE ban could be lifted within six months if a visit from Chinese inspectors this spring is successful, clearing the way for detailed discussions and the completion of a five-step process to open the Chinese market to British beef.

The news has been welcomed by AHDB, which has been working on the market access in the region for a number of years, and is good news for exporters keen to look to new, non-EU markets.

AHDB Head of Exports Peter Hardwick said: "The announcement is a vital first step in unlocking this major market for beef without which we could not progress to the substantive approval process.

"This agreement comes after an intensive programme of inspections and visits by the Chinese authorities over the last two years, led by AHDB in collaboration with government and industry organisation.

"It is still an ongoing process but we will continue to play a key role in helping to steer discussions to ensure we unlock the full potential of the Chinese market for beef producers here in the UK."

The announcement came on the first day of the Prime Minister's three-day trade mission to Beijing, where she was joined by senior business leaders and industry representatives including AHDB Chief Executive Officer Jane King.

During her visit she held meetings with members of the Chinese government and other industry leaders where products ranging from pork to malting barley were discussed. Jane raised the urgency of lifting the beef ban with both the Prime Minister Theresa May and Secretary of State for International Trade Liam Fox. Both indicated it was a government priority.

AHDB has previously helped secure access to China for pork and for barley.



## ESTADOS UNIDOS

### **Exportaciones de carnes bovinas con nuevo récord en facturación en 2017**

TheCattleSite News Desk 08 February 2018 US - 2017 was a record-breaking year for US red meat exports, with beef export value exceeding \$7 billion for only the second time, according to data released by USDA and compiled by USMEF.

Beef exports totaled 1.26 million metric tons (mt), up 6 per cent from 2016. This was the fourth-largest volume on record and the second-largest of the post-BSE era. Beef export value reached \$7.27 billion, up 15 per cent year-over-year and 2 per cent above the previous high achieved in 2014 (\$7.13 billion).

"This was a remarkable year for beef exports, in our mainstay markets in northern Asia as well as emerging destinations in South America, Southeast Asia and Africa," said USMEF President and CEO Dan Halstrom. "The US beef industry gained significant market share in Japan despite considerable obstacles, and posted a record-breaking performance in South Korea and Taiwan. These markets are especially critical for chilled beef exports, which were up about 25 per cent year-over-year. This had a tremendous impact on carcass value."

For December only, beef export value was up 9 per cent from a year ago to \$672.9 million – the second-highest of 2017 and the third-highest on record. December volume was down 3 per cent from a year ago to 113,269 mt.

Beef exports accounted for 12.9 per cent of total production in 2017 and 10.4 per cent for muscle cuts only, down from 13.7 per cent and 10.5 per cent, respectively, in 2016. Beef export value averaged \$286.38 per head of fed slaughter, up 9 per cent from 2016 and the second-highest on record, trailing only the \$300.36 average posted in 2014.

### ***JAPÓN lidera el crecimiento verificado***

Japan solidified its position as the leading market for US beef in 2017, with volume climbing 19 per cent year-over-year to 307,559 mt and value up 25 per cent to \$1.89 billion – new post-BSE records. Chilled exports to Japan expanded even more rapidly, reaching 148,688 mt (up 32 per cent) valued at \$1.102 billion (up 37 per cent) as US beef captured more than half of Japan's imported chilled beef market – a new high for US market share. Japan accounts for nearly \$75 in export value per head of fed slaughter and delivers critical premiums for certain cuts. For example, Japan's imports of US beef tongue averaged \$12.13 per head and imports of short plate averaged \$26.44.

The US industry is marketing a wide range of beef cuts in Japan and the market holds potential for additional growth. But market access is a concern, with imports of Australian and Mexican beef subject to significantly lower duties and beef from Australia, Canada, New Zealand and Mexico all poised to gain further tariff relief through the Comprehensive and Progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership (CPTPP).

### ***Otros destinos que aumentaron: COREA DEL SUR, TAIWÁN, HONG KONG***

Beef exports to South Korea increased 3 per cent in volume (184,152 mt) and climbed 15 per cent in value to \$1.22 billion, easily outpacing the previous year's record. Chilled US beef achieved tremendous growth, increasing 73 per cent in volume (45,153 mt) and 78 per cent in value (\$405.8 million). Demand is especially strong in the Korean retail sector, where consumer confidence in the quality and safety of US beef continues to gain momentum. Korea's imports of US beef are now subject to a 21.3 per cent tariff, down from 24 per cent in 2017 and well below the 40 per cent rate in effect prior to implementation of the Korea-US Free Trade Agreement (KORUS). The tariff rate is scheduled to decline to zero by 2026.

Mexico remained the second-largest volume market (237,972 mt, down 2 per cent from 2016) and third-largest in value (\$979.7 million, up slightly). It is an especially important market for US beef shoulder clods, rounds and variety meat.

Exports to Taiwan set a new value record, increasing 13 per cent from a year ago to \$409.7 million. Volume was up 2 per cent to 44,800 mt. US beef holds 72 per cent of Taiwan's chilled beef market, the highest share of any Asian destination. Taiwan is a key market for secondary beef cuts such as the clod heart, petite tender and top sirloin cap.

Demand in Hong Kong rebounded from a slow start to post a strong performance in 2017, increasing 16 per cent in volume (130,726 mt) and 29 per cent in value (\$884.1 million). After China's mid-year lifting of its ban on US beef, exports to China totaled 3,020 mt valued at \$31 million. While eligible supplies remain limited due to China's import restrictions, the market holds significant growth potential and is already one of the highest value markets for US beef on a per-pound basis.

Record exports to the Philippines and Singapore and strong growth in Indonesia and Vietnam pushed export volume to the ASEAN region up 37 per cent to 40,954 mt, while value climbed 34 per cent to \$210.9 million.



Strong performances in Chile, Peru and Colombia led the way for US beef in South America, where export volume increased 24 per cent to 28,383 mt and value was up 23 per cent to \$114.8 million. Shipments to Brazil, which resumed in April after a 13-year absence, totaled 2,035 mt valued at \$7.4 million.

Led by strong beef liver demand in South Africa, exports to Africa increased 78 per cent in volume (22,001 mt) and 74 per cent in value (\$22 million). Since reopening to US beef in 2016, South Africa has emerged as the sixth-largest destination for US beef variety meat and second-largest for livers.

### ***Embarques del mes de diciembre superaron lo previsto***

08 February 2018 US - December export data for beef and pork was better than expected while shipments of fresh/frozen chicken were somewhat disappointing, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc. Beef: Total exports of fresh/frozen and cooked beef in December were 86,285 MT, slightly less than the all time record November beef export volume but still about 2.5 per cent higher than a year ago. Using weekly export data, we were projecting December beef shipments to post a modest decline compared to a year ago. Keep in mind that weekly data only covers muscle cuts and not all traders report into the system.

The fact that monthly exports have come above expectations in the last three reported months will likely cause us to adjust higher our projections for January and February as well. More importantly, the value of US beef shipments in December was \$57 million higher than the previous year, an 11 per cent increase - evidence of robust demand for US beef products in world markets. Total US beef shipments in 2017 were 948,042 MT, 11.8 per cent higher than the previous year.

The value of all exports of fresh/frozen and cooked beef in 2017 was \$6.4 billion, 17 per cent higher than the previous year. US fed cattle prices were significantly higher than market participants were anticipating and part of the reason for that was the higher value derived from sales in export markets.

As the chart below shows, Japan was the biggest market in volume terms in 2017, taking 27 per cent of all US beef shipments. This was a 3 point increase from its share in 2016. Mexico and Canada, our two NAFTA partners, accounted for 14 per cent and 11 per cent of US exports, respectively.

Hong Kong remains one of our top markets and with US access to China we expect to see a continued increase in exports to these two markets. Shipments to Mainland China in December were 795 MT and for the year US shipments to China were 2,980 MT. We think it is fair to expect shipments to China in 2018 to increase, with a conservative estimate being somewhere around 1,000-1,200 MT per month.

The value of exports to China in December was \$8.2 million, implying an average price of over \$10,000 MT. This is significantly higher than the average price of beef to other markets, indicating high value cuts initially going there. Shipping end cuts into China will be more challenging given the premium of US product to Brazilian beef.

Pork: Pork export volume in December was also higher than expected. Rather than show a decline from last year, total shipments of fresh/frozen and cooked pork were 174,500 MT, 3 per cent higher than a year ago. Higher pork exports to South Korea, Australia and Hong Kong offset a net decline in exports to Mexico. Shipments to South Korea increased by almost 3500 MT while shipments to Mexico were down 2800 MT.

Total pork exports in 2017 were a little over 1.9 million MT (product wt. basis), 6.4 per cent higher than a year ago. The value of US pork exports for all of last year was \$5.3 billion, \$378 million (+7.7 per cent) higher than a year ago. Mexico was by far the main market for US pork last year, accounting for 39 per cent of all shipments, 2 points higher than the share in 2016. Pork exports to Canada were 11 per cent, with NAFTA thus accounting for about half of all the volume of US pork exports in 2017.

### **CattleFax proyectó mayor producción y demanda de carnes bovinas en 2018**

05 February 2018 US - CattleFax celebrated its 50th anniversary during the popular CattleFax Outlook Session at the 2018 Cattle Industry Convention and NCBA Trade Show. CattleFax Senior Analyst Kevin Good highlighted the industry's profitability during 2017 and said the trend looks to continue into 2018.

According to NCBA, CattleFax analysts told the audience US beef cow inventory increased 2.8 million head in four years, and an additional 200,000-400,000 head are expected to be added to the herd over the next few years. Mr Good said there are growing supplies of protein coming to market during the year ahead, including large supplies of competing proteins, which will weigh on all beef prices.

"We have a bigger supply of all proteins ahead in 2018. For the past year we were very fortunate to have solid export volume," said Mr Good. "We are forecasting trade to increase year-over-year in 2018, but still, the rate of production is out-pacing the rate of exports."

Although beef production is expected to increase to 27.5 billion pounds during 2018, Mr Good said current consumer demand is expected to remain good and potentially increase as retail prices moderate. He said CattleFax is predicting beef to remain a strong competitor against other proteins.

"Demand is robust on all fronts. Domestically, retail demand is increasing and beef is being featured more in the consumer markets," said Mr Good. "The retail and foodservice industries are doing very well and the



solid economy in the United States is one of the main drivers as unemployment rates continue to decline and per capita income rises."

Mr Good said even though beef demand is high, leverage will continue to be a challenge for the feedlot and packing segments as shackle space becomes increasingly constrained by rising slaughter rates. With the growth in production, Mr Good said he anticipates lower, but still profitable price levels for the cow-calf segment, while feeders and backgrounders will see their margins narrow.

Input costs are expected to remain manageable, with grain prices expected to remain steady. According to CattleFax, yields will drive corn prices in 2018-19 marketing year with no significant changes anticipated in acreage or demand. Futures corn prices are projected to range from \$3.25 to \$3.95 per bushel as supplies remain adequate. With more livestock to feed in 2018 and the smallest acreage on record in 2017, CattleFax predicts hay prices will increase \$10-\$15 per ton with additional weather-related price risks.

Drought conditions have been spreading across the United States since last winter with the Southwest being impacted the most. Art Douglas, professor emeritus, Creighton University, predicts a possible transition from La Niña conditions to a weaker El Niño by summer. US weather patterns over the next three months will be dictated by La Niña. However, equatorial warming could shift drought patterns across North America by late spring and summer.

During the session, CattleFax analysts predicted fed cattle prices lower than prior year levels, averaging \$115 per hundredweight (cwt.). Mr Good said fed cattle prices are likely to face resistance near the \$130 level, with downside risk in the upper \$90 range. He predicted bargaining position will continue to favor cattle processors and retailers, with profit margins at or above 2017 levels.

CattleFax projected 750-pound steers will average \$1 lower than 2017 levels at \$145/cwt., with a range from the upper \$120s to \$160/cwt. Meanwhile, US average 550-pound steer calves will see a trading range from \$170/cwt. at the spring high to an average price in the upper \$130s, during the fall marketing season. For the full year, calf prices are expected to average \$158/cwt.

## **Existencias de ganado bovino en su punto más alto desde 2009**

07 February 2018

### **Key points**

Following four consecutive years of expansion, the US cattle herd has now reached its largest since 2009.

Cattle on feed increased 7% from last year, and is now at 14 million head.

US beef production is projected to exceed 12.5 million tonnes this year.

Red meat and poultry consumption is forecast to reach record levels in 2018 at an estimated 121kg per capita, with beef consumption accounting for an estimated 37.1kg per capita – the highest beef consumption figure since 2010.

### **Cattle supply**

The United States Department of Agriculture (USDA) released the 1 January cattle inventory report last week, with the US herd reported at 94.4 million head, up 0.7% on the previous year – the smallest margin of increase since 2015. However, following four consecutive years of expansion, the US herd has now reached its largest since 2009.

Beef replacement heifers were down 4% from year-ago levels at 6.13 million head – an indication producers are scaling back their intent to continue expanding the herd. The beef cow herd contributed to the overall expansion, up 2% over the same period, and subsequent growth in the calf crop, which increased by the same margin.

Cattle on feed increased 7% compared with last year, at 14 million head according to the report estimates. The USDA National Agricultural Statistics Service cattle inventory report includes feedlots with a capacity less than 1,000 head, in contrast to the monthly USDA cattle on feed report, which only captures feedlots with a capacity of more than 1,000 head.

More cattle have been placed into feedlots earlier than would normally be expected, bolstered by low feed costs and robust domestic demand helping to sustain aggressive marketing rates. However, the principle reason has been poor moisture conditions in a number of the largest cattle producing regions, along with sustained drought conditions in the Northern Plains. Approximately 60% of the continental US is currently in a state of drought. Furthermore, the supply of feeder cattle declined 2% from year-ago levels, which could imply lower placements in the coming months and provide support to cattle prices in the last quarter of 2018. CME feeder futures contracts for the second half of 2018 lifted 2% on the week prior.

### **Production and domestic consumption**

US beef production is projected to exceed 12.5 million tonnes this calendar year, supported by the aforementioned deteriorating pasture conditions, which have supported higher placements on feed in recent months. US beef exports are forecast to grow close to 5% this year, supported by increasing production and robust global demand for beef. Furthermore, the prospect of a lower US dollar could provide support to exports during the year.



However, domestic demand remains strong and positive retail features continue to support this view. Recently released data on United States Department of Agriculture (USDA) cold storage stocks indicate that as of 31 December 2017, frozen boneless beef inventories in the US were down 15% year-on-year; however, 7% higher than the five-year average at an estimated 203,000 tonnes. This suggests that beef demand remains in good shape, with beef supplies moving through to retail and not building up in cold storage.

According to the latest USDA market outlook, red meat and poultry consumption is forecast to reach record levels in 2018 at an estimated 121kg per capita, with beef consumption accounting for an estimated 37.1kg per capita – the highest beef consumption figure since 2010. Growing consumer confidence and an overall improving economy has also supported demand for beef from domestic US consumers.

Despite increasingly popular plant-based diets and competing proteins - pork and chicken production is forecast to increase 5% and 2%, respectively - the US consumers' appetite for beef shows no signs of slowing down in 2018. From an Australian perspective, if US domestic consumption can keep pace or exceed the rate of increased US beef production, it would help mitigate the impact of greater volumes of US beef entering our key export markets, particularly Japan and Korea.

### **Rentabilidade de la industria frigorífica afectada por mayor costo de adquisición de hacienda**

February 7, 2018 This year starts out with packer profits in the black but tightened recently as packers faced higher cattle purchase costs. ( U.S. Department of Agriculture )

Relative profitability for the entire beef sector in 2018 will be largely dependent on packers' ability and desire to maintain near-maximum production at their harvest facilities as the larger head counts enter the supply chain. The black dotted line in the chart (see below) indicates what has been estimated by CattleFax as the weekly fed-cattle head count achievable by the U.S. packing base in a normal 40-hour workweek.

The 2016- 2017 trend lines show just how frequently that 480K head per week was surpassed in those years through Saturday production. Labor is a limiting factor at the packing level, and maintaining a complete and capable workforce will be more important again in 2018. That's as the industry faces expanded fed cattle numbers in the face of packing plant capacity shrunken due to plant closures over the past handful of years, in part triggered by the drought-reduced cow herd beginning as far back as 2010 in the South.

Packer profitability was record high in 2017 and almost that good in 2016. This year starts out with packer profits in the black but tightened recently as packers faced higher cattle purchase costs. While all sectors of the beef business were profitable in 2017, it will be important for packers, specifically, to maintain profitability again in 2018, incentivizing maximum production by operating on six-day weeks.

Beef cow herd expansion has not been stymied through lack of profitability at this point, but it appears we are edging ever closer to a bottleneck at the packing level. That could shift supplies across the critical line and above our ability to process the beef, in turn pushing back against the production sector.

## **VARIOS**

### **AUSTRALIA: prevé escaso impacto ante un posible acuerdo comercial entre UE y Mercosur**

08/02/18 - por Equipe BeefPoint A Austrália enfrentará uma maior concorrência no lucrativo mercado de carne bovina quando um acordo entre a União Europeia e a América do Sul for assinado. No entanto, de acordo com especialistas, os produtos de exportação de carne da Austrália diferem daqueles produzidos na América do Sul e, como resultado, o impacto não deverá ser significativo.

A abertura da UE para importar mais produtos agrícolas da América do Sul, especialmente a carne bovina, é uma grande preocupação para os agricultores europeus. A UE aumentou a oferta para importações de 99 mil toneladas de carne bovina da América do Sul com relação à oferta anterior, de 70 mil toneladas, para fechar o negócio.

Os dados do Departamento da Agricultura federal mostram que a Austrália exportou 17.873 toneladas de carne bovina para a UE no ano passado.

O analista sênior de proteínas animais do Rabobank, Angus Gidley-Baird, disse que a Austrália exportou produtos resfriados e de animais alimentados com grãos destinados ao comércio premium na UE, enquanto os países da América do Sul enviaram principalmente carne bovina congelada e significativamente menos carne de animais alimentados com grãos para a UE.

“Então, se este acordo comercial for realizado, haveria mais concorrência, mas não estamos necessariamente competindo diretamente pela mesma participação de mercado”, disse Gidley-Baird.

O analista de mercado, Matt Dalgeish disse que o acordo não afetaria significativamente a Austrália, porque a UE representa uma parcela relativamente pequena das exportações de carne bovina. No entanto, ele disse que o Brexit pode alterar os níveis de exportação, já que “uma vez que o Brexit ocorrer, poderíamos acabar com negócios separados para a UE e para o Reino Unido”.





## **JAPÓN Importaciones de carne vacuna de en su máximo en 17 años**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Febrero 3, 2018 Uruguay espera ingresar a un mercado en el que estará en desventaja con otros países

Las importaciones japonesas de carne vacuna alcanzarían en 2018 su máximo en 17 años con una demanda firme y un escenario de menor oferta doméstica. Este año se hará oficial el regreso de la carne uruguaya a Japón, pero también podrán volver otros actores relevantes, como el Reino Unido, tras una prohibición de más de 20 años. Hay que tener en cuenta, además, el efecto de mediano plazo del acuerdo de Japón y la Unión Europea, así como del Tratado Transpacífico.

Un informe de Bloomberg resaltó el ritmo creciente de las importaciones japonesas que se consolidaría en 2018.

Shiro Ohashi, el director ejecutivo de la Asociación de Comerciantes de Carne de Japón, dijo a la agencia que este año las importaciones llegarían al mayor nivel desde 2011 luego de crecer más de 10% en 2017. Indicó que la carne vacuna proveniente del exterior es vista como más económica que la oferta doméstica, tanto de ese producto como de pescado.

El consumo de carne vacuna creció 6,8% en los siete meses cerrados el 31 de octubre –apuntando a la mayor expansión en al menos 12 años– según los datos del Ministerio de Agricultura.

Bloomberg destacó que los productores ganaderos japoneses no pueden seguir el ritmo de la demanda. Hay productores que se están retirando, por lo que el rodeo vacuno se achica.

Carne Wagyu se encarece

La carne premium Wagyu se está transformando en un producto muy caro para muchos japoneses. Esto se debe a la creciente demanda por carne Wagyu desde el exterior, lo que está elevando sus precios. De esta manera, la carne con menos contenido de grasa que viene desde Australia y Estados Unidos se está haciendo más popular, especialmente en consumidores de alto nivel.

Bloomberg destacó que las importaciones japonesas de carne vacuna estadounidense se están expandiendo a un mayor ritmo que los embarques australianos. Esto se da, incluso, con un incremento de la tarifas en agosto a la importaciones de carne estadounidense congelada.

En los 11 meses cerrados en noviembre las compras japonesas de carne estadounidense aumentaron 26,6% respecto a un año atrás concentrando el 42% del total.

En tanto, las importaciones de carne australiana se incrementaron en 5,5%.

En el reporte se señaló que las importaciones se expandirán en el mediano plazo con la entrada en vigencia del acuerdo entre Japón y la Unión Europea.

"Irlanda está expectante de aumentar sus embarques de carne a Japón, tomando ventaja de este acuerdo. De esta manera compensaría los efectos negativo de la salida del Reino Unido de la Unión Europea", dijo Ohashi.

Se espera que también aumenten los embarques desde Canadá y México luego que se implemente el acuerdo del TransPacífico.

No solo Uruguay regresaría al mercado japonés en 2018. La embajada del Reino Unido en Japón indicó que ya está todo listo para que la carne vacuna de ese país regrese a Japón luego de una prohibición de más de 20 años por el escándalo de la vaca loca.

## **INDIA Gobierno defendió ante la Corte Suprema la medida de prohibir la faena de vacas**

TheCattleSite News Desk 05 February 2018 - The Aam Aadmi Party (AAP, English: Common Man's Party) government on Monday defended in the Delhi High Court a law criminalising possession and consumption of beef in the national capital, saying the state was obligated under the Constitution to protect cows and other milch and draught animals from slaughter.

Deccan Herald reports that the Department of Animal Husbandry of the Delhi government made the submission on an affidavit filed before a bench of Acting Chief Justice Gita Mittal and Justice C Hari Shankar which listed the matter for further hearing on 16 May.

The department has said that "the Article 48 of the Constitution casts an obligation on the state to take steps to preserve, improve and prohibit slaughter of cows, calves and other milch animals and draught cattle".

"Therefore, the provisions of the Delhi Agricultural Cattle Preservation Act criminalising the possession and consumption of beef in the national capital be not declared as unconstitutional," it has argued.

The affidavit has been filed in response to a PIL (public interest litigation) challenging the constitutional validity of those provisions of the Delhi Agricultural Cattle Preservation Act which criminalise possession and consumption of beef in the city.

The plea filed by law student Gaurav Jain and an NGO working for the development of Scheduled Castes and Tribes has claimed that the Cattle Preservation Act (CPA) was "a case of legislative overreach".

They have contended that "prohibition on possession and consumption of beef per se as under Cattle Preservation Act is in violation of the fundamental rights of the petitioners and other persons similarly



situated, as it infringes on their personal liberty" and causes "hostile discrimination having no nexus with the object of the Act".

"The right to eat the food of one's choice is an integral part of the right to life and liberty," the PIL has said, adding that the Constitution "mandates the State not to make law towards enforcement of a particular religious practice."

The petitioners have claimed that the Act was a "gross encroachment on the rights of the petitioners to choose what they can eat."

The petition has also said that SCs (Scheduled Castes) and STs (Scheduled Tribes) "often have diet containing meats" and contended that "these communities are directly affected by enforcement of the Act."

## **EMPRESARIAS**

### **JBS aumenta un 50% la capacidad de faena de un establecimiento en Mato Grosso**

6/02/18 - por Equipe BeefPoint A JBS anuncia a criação do segundo turno em sua unidade de bovinos de Barra do Garças, em Mato Grosso, que vai ampliar em 50% sua capacidade de abate na planta e deve começar a operar em duas semanas.

Em operação há 20 anos e com habilitação para os principais mercados importadores, a fábrica de Barra do Garças é uma das mais emblemáticas entre as 36 plantas da JBS Carnes. "O incremento na produção é possível em função da otimização da capacidade instalada da unidade, que passa a operar com mais um turno, ampliando sua produção para atendimento a mercados muito relevantes, como os países asiáticos", destaca Renato Costa, presidente da JBS Carnes.

A Companhia já deu início a contratação de 400 profissionais para o novo turno de operação. Para concorrer, os candidatos devem entrar em contato com a planta para checar a documentação necessária e agendar a entrevista.

Fonte: JBS, adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **Marfrig invierte en productos procesados**

05/02/18 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods, por meio da divisão Beef, acaba de ampliar seu portfólio de produtos da linha Bassi. Por meio da unidade de Pampeano, no estado do Rio Grande do Sul, a companhia passa a produzir e comercializar molhos prontos para carne e produtos à base de arroz em pouches e latas.

A iniciativa tem a expectativa de conquistar mais mercado e, desta forma, ampliar o faturamento mensal da operação de industrializados da companhia em cerca de R\$ 3,3 milhões. Ao todo, a estimativa é comercializar mensalmente 100 toneladas de arroz processado e 100 toneladas de molhos, que também serão exportados, inicialmente para Europa, América do Norte e Caribe.

Os molhos prontos para carnes serão produzidos e comercializados pela Marfrig, em parceria com a Nestlé Professional, que será responsável pela seleção de ingredientes. São quatro tipos de molhos prontos: poivre, cebola caramelizada, funghi e malbec. O produto tem embalagem exclusiva, pronta para ser levada direto ao micro-ondas o que garantirá ainda mais praticidade ao consumidor. Já o arroz em pouches e latas será feito e comercializado apenas pela companhia.

Ao todo, a ação contou com cerca de R\$ 4 milhões de investimentos, que foram alocados em equipamentos e na construção de uma nova instalação na unidade de Pampeano com área em torno de 1.500 m<sup>2</sup>.

Os molhos prontos e o arroz em pouches e latas poderão ser encontrados nos principais supermercados e empórios do Brasil ainda no primeiro semestre de 2018.

### **Bancos podrían renegociar la deuda de JBS por tres años**

08/02/18 - por Equipe BeefPoint A JBS está de volta à mesa de negociação com bancos credores brasileiros. Em pauta está um acordo para renovar a dívida de curto prazo da companhia por um período maior, ao redor de três anos, segundo pessoas a par do assunto. Em julho do ano passado, sob forte pressão depois da delação premiada de seus controladores, a companhia celebrou acordo com os credores para preservar suas linhas de crédito por doze meses, desde que realizasse amortizações periódicas do principal e pagasse os juros. O prazo vence em julho, e bancos e companhia se anteciparam a ele para tentar fechar um novo acordo que deixe a JBS em situação financeira mais confortável. As conversas mostram uma distensão da relação entre a empresa e o sistema financeiro, num momento em que a companhia se prepara para reportar um dos melhores resultados de sua história, na expectativa de analistas. Embora seus controladores, Wesley e Joesley Batista, permaneçam presos, a JBS tem conseguido se restabelecer operacionalmente.

"A empresa vem cumprindo o acordo da dívida e também deu garantias. A parte da dívida em aberto será renegociada entre as partes", disse um executivo de banco. A ideia é fechar um acordo em termos



semelhantes ao vigente, porém por um prazo maior e com condições mais suaves de amortização. Taxa de juros e percentuais de amortização ainda estão em negociação.

Os principais credores envolvidos são Santander, Bradesco, Caixa e Banco do Brasil. No acordo fechado no ano passado com as mesmas instituições, e que envolvia R\$ 20,5 bilhões em dívidas, a companhia se comprometeu a amortizar 10% desse valor no prazo de um ano, sendo 2,5% a cada trimestre. Também se comprometeu a fazer amortizações extraordinárias com 80% dos recursos líquidos obtidos com plano de vendas de ativos. Restam agora cerca de R\$ 15 bilhões, que são o objeto da renegociação, disseram fontes.

O Itaú, que em julho de 2017 já exigira uma amortização maior de seu crédito, da ordem de 40%, novamente se mantém fora desse grupo agora, apurou o Valor. Procurado, o banco não quis comentar. JBS, Bradesco, Santander, BB e Caixa também não comentaram. A dívida de curto prazo total da empresa no país, incluindo o crédito do Itaú, estava em R\$ 22 bilhões em julho. O último dado disponível é o de setembro (ver quadro).

“A empresa teve uma boa evolução, e o resultado do quarto trimestre deve apontar na direção de desalavancagem e liquidez”, disse um analista de um banco brasileiro. No terceiro trimestre, a JBS já registrou forte redução do índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda em doze meses). No fim de setembro, esse índice era de 3,4 vezes, ante 4,2 vezes em março, o último dado reportado antes da delação dos Batista.

Para esse analista, um novo acordo de dívida, mais favorável, faz sentido, já que o risco agora é menor do que em julho, no auge da crise financeira do grupo, e nem naquele cenário os bancos puxaram a corda do grupo.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.